

João Francisco Neves

Bem-vindo ao deserto do (ir)real...

...Que fim terá?

- Nota Prévia -

Palestra de encerramento da III Jornada do

Phorus i.p. – Instituto de Psicanálise

5 de novembro de 2005

Bem-vindo ao deserto do (ir)real ... que fim terá?¹

“Não costumo quebrar a cabeça com a questão do bem e do mal”, confessa Freud ao pastor Pfister, “

“Porém tenho achado pouco ‘bem’ nos seres humanos em geral. De acordo com minha experiência, a maioria deles não vale nada, pouco importando se adotam publicamente esta ou aquela doutrina ética, ou absolutamente nenhuma. O senhor não pode dizer isso em voz alta, talvez nem sequer pensá-lo, ainda que sua experiência de vida não possa ser muito diferente da minha.”

(PFISTER e Freud. Correspondência 1909-1939. Apud: GOLDENBERG, Ricardo. No círculo clínico ou caro Lacan, por que negar a psicanálise aos canalhas? p. 95. (Coleção Conexões)

“Ah, Bartleby! Ah, humanidade!”

MELVILLE, Herman. *Bartleby, o escrivão: uma história de Wall Street*. p.37.

“Conhece-te a ti mesmo.”

MORA, J. Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. p. 2724.
Imperativo socrático.

I

A partir do próprio título e das epígrafes, este ensaio é bem um reflexo de muitos momentos dos tempos atuais. Nele, traduz-se, com ironia, um sentimento de desamparo², pânico, solidão, impotência, desespero, incompreensão, estranheza, ambigüidade/interrogação e apelo frente a um lento e doloroso processo de “*desencantamento do mundo*”³,

1. Essa parte inicial do título deste texto – Bem-vindo ao deserto do mundo (ir)real – é uma espécie de paródia da saudação que Morpheus, líder da resistência, no filme “Matrix” (1999), faz ao herói, Neo, quando este se desconecta do megacomputador e contempla uma Chicago devastada. – “Bem-vindo ao deserto do real” (*Welcome to the best of the real*). Já a segunda parte – “Que fim terá?” (*How's it going to end?*) é a pergunta que uma garota, por quem o herói, no filme “*O show de Truman*”, está apaixonado, traz numa espécie de broche que carrega na blusa. Também Slavoj Zizek utilizou esse expediente ao escrever um livro com o título “*Bem-vindo ao deserto do real*”. (ZIZEK, Slavoj. *Bem-vindo ao deserto do real!: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003).

2. Freud liga, de forma explícita, o estado de *desamparo* à *prematuração* do ser humano cuja “*existência intra-uterina parece relativamente abreviada em comparação com a da maioria dos animais; ele está menos acabado do que estes quando vem ao mundo. Por este factor, a influência do mundo exterior é reforçada, a diferenciação precoce entre o ego e o id é necessária, a importância dos perigos do mundo exterior é exagerada e o objecto, que é o único que pode proteger contra estes perigos e substituir a vida intra-uterina, vê o seu valor enormemente aumentado. Este factor biológico estabelece pois as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado, que nunca mais abandonará o homem.*” (LAPLANCHE, J. PONTALIS, J.B. *Vocabulário da Psicanálise*. p.157).

3. ADORNO, Theodor W. HORKHEIMER. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. p.7.

denunciando-se, dessa forma, uma fragilidade do laço social e preconizando-se um futuro que se anuncia para muitos como apavorante e ansiogênico. Em suma: estamos falando de um mundo que nos traz mal-estar porque ele se nos apresenta como absurdo, hostil e incompreensível... Um mundo que parte dos *anoréxicos* e, passando pelos *bulímicos*, chega aos *ortoréxicos*⁴. As fronteiras, antes muito bem delimitadas, que estabeleciam, de forma bastante clara, a identidade de cada coisa existente no nosso meio, perderam e continuam perdendo, progressivamente, seus limites. Por exemplo, as tentativas de combinar o *orgânico* com o *inorgânico*. Por outro lado, hoje, numa velocidade nunca vista antes e, de forma cada vez mais sutil, subliminar e sofisticada, existe um convite a todos nós, daqui até os confins da Terra, para que incorporemos, de qualquer forma, de preferência sem nenhum questionamento, um *novo real* – será tão real e tão novo assim? –, apresentado, sempre, como extraordinariamente atraente, apesar de efêmero, cheio de encantos que se renovam num processo interminável de autocriação, acenando, em muitos casos, com a possibilidade de um livre acesso ao eterno...

Resumindo, eu diria que, no **mundo antigo**, o homem **deixava as coisas acontecerem**; já na **modernidade**, o sujeito **provoca os acontecimentos**; enquanto, na **pós-modernidade**, a tendência crescente é a de ele tentar controlá-los e, na medida do (im)possível, **precipitá-los, levando-os até as últimas consequências**. Ou, ainda, segundo Geraldo Vandré: “*Quem sabe faz a hora, não espera acontecer...*”⁵ Para Hans Gumbrecht⁶, na pós-modernidade, o **presente** tornou-se uma prisão, com um peso excessivo de **passado** e uma profunda carência de **futuro**. Ao contrário de uma concepção essencialista, que predominava no passado, hoje, *o sujeito nunca é, torna-se – é um ser em permanente construção...*

4. BERGAMO, Giuliana. No limite da obsessão. In: *VEJA*, São Paulo: nº 40, 5 de Out. de 2005. p. 102.

5. VANDRÉ, Geraldo. “Pra não dizer que não falei das flores”. Devo essa referência a uma feliz lembrança de Dr^a Rosemary do Carmo Vieira e Ferreira. In: http://mpbnet.com.Br/musicos/geraldo.vandre/letras/pra_não_dizer_que_falei_das_flores... Acessada em 27 set de 2005.

6. *FOLHA DE SÃO PAULO*, 25 de Set. 2005. Caderno Mais! p. 10.

Pretendo, a partir da identificação das transmutações desse *real*, ocorridas nos últimos séculos, rastreá-lo, examinando as conseqüências sofridas e as implicações decorrentes em face desse novo processo de produção de subjetividades. De uma forma condensada, a nossa questão resume-se basicamente, no seguinte: – Diante da imensidão, magnitude e complexidade do real, que aconteceu ao homem?

É importante ficar atento para que, neste texto, nos propomos a chamar a atenção muito mais para o *real psicanalítico* – que não é acessível à ciência, que é inapreensível, sempre preso a um mal-entendido – do que para o real próprio do Iluminismo, relativamente cognoscível, que pode ser considerado como *a realidade* – que o homem sempre procura dominar. Por outro lado, os conceitos de *angústia, real, imaginário, simbólico, eu ideal, ideal do eu, castração, ilusão e desejo*, entre outros, têm um valor fundamental para os nossos propósitos.

Como se trata somente de umas *notas*, muitos temas são aqui, quando muito, apenas mencionados, para, no futuro, serem desenvolvidos...

II

Antes de examinarmos a questão que considero o objeto principal das nossas considerações, é preciso seguir, primeiro, os caminhos percorridos pelos impasses que envolveram o homem, com o intuito de articular uma visão definitiva do universo, na tentativa de decifrá-lo, juntamente com os processos de subjetivação desenvolvidos nas últimas centenas de anos.

Em face de um universo desconhecido e misterioso, que ameaçava mais do que protegia, o homem, que, como vimos, entra no mundo prematuro, forjou as concepções *místicas, religiosas e científicas*, que seguem de perto três tipos de subjetividade que predominaram nos últimos milênios. Na primeira, no chamado mundo antigo, que se convencionou chamar de *pré-*

modernidade, o *sujeito* estava como que *subsumido* no universo, ou seja, tal como entendemos hoje, ele não existia. Não tinha voz, no sentido que entendemos no presente, e, portanto, dotado de total ausência de transparência. Quando se expressava, falava pela boca das divindades. Mesmo assim, os deuses gregos, no Olimpo, como Zeus, ou o Deus de Israel, eram figuras que, embora falassem como entidades únicas, se examinarmos mais de perto, agiam como *estruturas compostas*, refletindo claramente, muitas vezes de forma grosseira, as vicissitudes dos seus criadores/seguidores. Ao contrário do que entendemos na atualidade, a existência de um *eu interior* ainda não havia sido objeto de cogitação, pelo menos de forma explícita. Em alguns casos — como, por exemplo, o de Santo Agostinho⁷ —, é possível concluir que ele falava de si — de um mundo interno, para a maioria, até certo ponto, desconhecido naqueles tempos. Nas suas *Confissões*, é fácil identificar uma preocupação com o que chamamos, hoje, de *interioridade psicológica*. Entretanto só com o fim do mundo antigo e, no início da era moderna, com Montaigne, o homem consegue, pela primeira vez, falar realmente *de si*, plenamente. Com Descartes — *Cogito: ergo sum* — cunhou-se o que entendemos, agora, como o *self* (eu), consolidando-se a existência do sujeito e, portanto, um segundo tipo de subjetividade, o que marca o nascimento da *modernidade*. Um *Eu*, até certo ponto, tido como pleno, maciço, duro, indivisível vem ao de encontro a Freud, que descobre o *inconsciente*, abrindo caminho para o que conhecemos, hoje, como *pós-modernidade*. Ou seja, esse *Eu*, a consciência, considerado até aquele momento, como o que comanda o sujeito, é visto, agora, como desconhecedor de parte de si mesmo. A concepção desse *eu dividido*, descentralizado, concebido no final do século XIX e início do XX, durou cerca de 75 anos, ou seja, — até a segunda metade do século passado. Desde então, um lento processo de apagamento dessa divisão vem-se tornando cada vez mais explícito. Presentemente, o inconsciente é nomeado, identificado, tratado, em muitos casos, mais como uma mera figura de retórica, dispensável na maioria das situações em que o sujeito se vê

7. BROWN, Peter Robert Lamont. *Santo Agostinho: uma biografia*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2005. 669p.

envolvido. Um self (eu) inflado, esplendoroso⁸, passou a predominar a partir de então.

III

Se o homem conviveu, por toda sua vida, com ameaças *latentes ou explícitas* que trazem à tona *vivências* de *desamparo*, que, como se verá, são inerentes à sua condição, torna-se possível imaginarmos as tremendas dificuldades e limitações que ele enfrentou, por exemplo, nos últimos milhares de anos. Certamente, em face, dessa falta, *angustiou-se*, manifestando contínuo incômodo e mal-estar. Para a Psicanálise, “*a angústia deve ser considerada como um produto do estado de desamparo psíquico do lactante, que é evidentemente a contrapartida do seu estado de desamparo biológico...*” (LAPLANCHE, J., PONTALIS, J.B. *Vocabulário da Psicanálise*. p. 61). Penso que Freud, em *Totem e Tabu*,⁹ propôs, entre outras, uma resposta, ainda que de forma indireta, a esse sofrimento emocional, quando dividiu em três as visões do mundo, ou seja, as representações do universo — *o místico, o religioso e o científico*. São tentativas de entender o mundo circundante. Ele acreditava que, progressivamente, haveria um domínio do científico sobre o místico e o religioso, ou seja, sobre o *mítico*. Se, didaticamente, é ainda possível pensar dessa forma, por outro lado, é de se esperar, como é sabido, que haja sempre um retorno do que foi recalcado — o místico/o religioso —, já que o que é recusado no simbólico retorna novamente no real. Além do mais, supõe-se que o homem atual, estruturalmente, é o mesmo que era há centenas de anos. Sabemos, ainda, que, lentamente, com extraordinários avanços e muitos retrocessos, procuraram-se, mediante *explicações parciais*, algumas formas de conhecimento/ciência — *o lógos*. Ora, se a ciência, diante da angústia do homem — seu profundo e interminável *desamparo* —, se propõe, apesar de ingentes esforços, dar explicações que são sempre

8. KOHUT, Heinz. *Psicologia do self e a cultura humana*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988. 256 p.

9. FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XII, p. 111.

consideradas limitadas, parciais, reconhecidamente precárias e, portanto insatisfatórias, fica uma pergunta que não se cansa e jamais poderá se cansar de se repetir: Que fazer com o *quantum de angústia residual* que permanece em todos nós e que está sempre presente, também na cultura, sob forma de uma contínua ressonância? Uma saída foi utilizar-se de *concepções globais*, ou seja, misticismos/manifestações *religiosas*, enfim, *mitos*, ou seja, referências em que todos os fenômenos pudessem receber explicações abrangentes, totalizantes... e sabidamente tranquilizadoras, mas, também insatisfatórias, uma vez que, de quando em quando, essa cortina de proteção é rompida...

IV

Como se viu, é de se pensar por que o homem criou/imaginou, para sobreviver, uma série de mecanismos místicos ou religiosos, que identifico como *ilusão*. Segundo Freud, é lícito “chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação e, assim procedendo, desprezamos suas relações com a realidade, tal como a própria ilusão não dá valor à verificação.” (FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XXI, p. 44). A *ilusão religiosa* sempre prometeu ao homem total *proteção e transcendência*. Nessa esteira, no mundo antigo, cristalizaram-se as três religiões monoteístas: o Cristianismo, o Islamismo e o Judaísmo — como esclarece Harold Bloom: “Cristãos que crêem, muçulmanos que obedecem, judeus que confiam – em Deus ou na vontade de Deus..”(BLOOM, Harold. *Onde encontrar a sabedoria?* p.13). No início da modernidade, pelo menos no Ocidente, o Cristianismo, religião predominante, começou a perder terreno em função do desenvolvimento científico/tecnológico. Kepler, Darwin e, finalmente, Freud, são alguns dos que denunciaram, de uma forma ou de outra, os limites, e as implicações deles decorrentes, em que se encontrava o sujeito completamente tomado por suas ilusões. Foi uma vitória temporária do Iluminismo — sai Dionísio, entra Apolo.

Agora, uma pausa que me leva a novas questões:

- Na economia psíquica do sujeito, qual é a função do divino, da religiosidade (Deus) ?

Ou, mais ainda:

- Que teria levado o homem a transformar/elevar artefatos criados por ele – as máquinas – à categoria de Deus(es)?

Antes de responder a essas duas perguntas, é preciso pontuar, primeiro, uma passagem de um ensaio que escrevi em 1996, onde expresso *mal-estar*, a partir de Freud, a propósito da condição humana, agravada nas últimas décadas:

"No final deste milênio — talvez mais que em qualquer outro tempo —, estar no mundo é vivenciado pelo homem em toda a sua extensão, riscos e implicações [...] Em textos que considero extremamente ricos e atuais, ele [Freud] trata, entre outros temas, da compulsão à repetição e das relações entre as exigências das pulsões e as restrições impostas pela civilização no cenário humano [...] a certa altura, em um desses trabalhos, declara: 'A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis' [...] Ele afirma ainda: 'Nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição'. Por outro lado, considera: 'Já a infelicidade é muito menos difícil de experimentar.' Na sua opinião ainda: 'O sofrimento nos ameaça a partir de três direções:

1. de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência;

2. do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e,

*3. finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém desta última fonte talvez seja mais penoso que qualquer outro.'Eu acrescentaria, com Michel Fennetaux, que hoje, ao contrário de nos tempos de Freud, existe uma quarta ameaça que ronda o homem: 'A morte da nossa própria capacidade subjetiva.' **Morte, guerra, catástrofe, desamparo...** tudo isso me permite pensar, com Freud, que cada vivência 'põe a nu o homem primevo que existe em cada um de nós.'"* (NEVES, João Francisco. *Psicanálise: futuro de uma (des)ilusão... à desilusão de um futuro*. In: GRIPHOS, n 14, p.76, 1996).

Numa outra passagem, em face desse homem nu – primitivo, desamparado, indefeso – que existe dentro de nós, Freud é ainda mais enfático quando diz:

"Terão [os homens] de admitir para si mesmos toda a extensão de seu desamparo e insignificância na maquinaria do universo; não podem mais ser o centro da criação, o objeto de terno cuidado por parte de uma Providência beneficente. Estarão na mesma

posição de uma criança que abandonou a casa paterna, onde se achava tão bem instalada e tão confortável. Mas não há dúvida de que o infantilismo está destinado a ser superado. Os homens não podem permanecer crianças para sempre; têm de, por fim, sair para a 'vida hostil'. Podemos chamar isso de 'educação para a realidade'." (FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v.21, p. 63-64).

Diante das duas interrogações, propostas no meu texto, há pouco citado, e destas considerações de Freud, restam-nos algumas saídas possíveis:

— Ou *admitimos* que o ser do homem é “falta a ser” (*manque à être*)¹⁰, o que nos remete ao vazio fundamental do sujeito, resultante dos efeitos dos processos de *simbolização e castração*.

— Ou *negamos* os limites do homem – a falta –, caindo numa (sua) tentativa/insistência insana de considerá-lo completo ou de completá-lo, a todo custo, utilizando para isso, todos os mecanismos imagináveis e inimagináveis (in)disponíveis.

— Ou, muito mais ainda, em outras palavras, frente à *hostilidade, ao desamparo, à solidão e a uma vivência basal de angústia*, o homem caminha sempre preso a um contínuo impasse, procurando uma saída:

- ou pela via da ilusão, criando mitos,
- ou pela trilha do conhecimento, recortando, a cada passo, o real, criando ciência,

— Ou, finalmente, como que buscando uma *solução de compromisso*, em face da (in)completude humana, pelo desabrochar de um processo que ousou chamar mito/ciência, ciência/mito — que se supõe ir-se espraçando numa busca interminável de completude, até o final dos tempos.

10. MIJOLLA, Alain de. *Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*, p. 672.

V

Uma vez enfocada, de forma específica, a nossa questão e proposta uma saída sem sombra de dúvida provisória, resta-nos, agora, a tarefa de nos inteirarmos do modo como o homem tem lidado com o *desamparo* desde o final do século XX e até o início do século XXI. Como prometido, de volta aos tempos atuais: Que está acontecendo? Teríamos um mundo completamente tomado por ilusões? Ou?!... Uma coisa parece certa: vivemos neste momento, talvez como nunca antes, ao mesmo tempo, uma sensação de *desamparo* e uma busca desesperada, *como no passado*, de uma *transcendência e uma forma, ainda que alternativas, de imortalidade. Onipotência, onisciência e onipresença*. Uma prioridade sempre desejada pelo homem. Os deuses criados por ele, à sua imagem e semelhança, eram/são capazes dessa façanha... De que maneira porém? Por intermédio da religião, tal como a conhecemos? Aparentemente, sim. Nos últimos milênios, de forma recorrente, as diversas manifestações de *fundamentalismo religioso* tentaram, ou ainda tentam, envolver todos propondo uma saída. No entanto, penso que o que realmente predomina é uma aliança bizarra entre Apolo e Dionísio. Os deuses, de hoje, são os mesmos? Ou será que eles são as máquinas? Ocupariam elas, hoje, os lugares ocupados, antes, pelos antigos deuses? Estariam elas associadas à idéia, da impossibilidade de os deuses serem o único instrumento que permitiria ao homem superar os próprios limites? Pela primeira vez na história, os homens acreditam, piamente, que conseguiram, ou estão muito perto de conseguir, finalmente, de alguma forma, *transcendência e imortalidade*, não pela religião propriamente dita, tal como sempre a reconhecemos, mas por meio da ciência, — que ironia! — ciência que se vem transformando, a cada passo, numa religião¹¹... No esforço de se completarem, existe um desejo latente de os homens se fundirem às máquinas. Afinal, na tentativa de negar que viver quase sempre dói, vale qualquer *processo de alienação*.

11. FELINTO, Erick. *A religião das máquinas: ensaios sobre o imaginário da cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2005, p.53.

Dois filmes e duas notícias de jornal dão bem uma idéia da dimensão dos meus argumentos:

➤ **Os filmes:**

- “O *show* de Truman” (1998)

De uma forma sinóptica, num futuro não muito distante, o herói — Truman desconhece a própria condição, ou seja, ele é, certamente, um pouco de todos nós, sem exceção. Não sabemos — será que não sabemos mesmo? — que somos, a um só tempo, espectadores e atores de uma tragicomédia (?) interminável. Como no passado, estamos, como nunca, na mão dos deuses, com a diferença de que os deuses de hoje são as máquinas. Por outro lado, todos — tudo — se transforma em mercadoria pelas exigências do mercado. Tudo se transforma rapidamente em espetáculo. Repito: tudo... todos, inclusive o homem, são transformados em mercadoria. Um fetiche... Tudo pode e deve ser consumido, reciclado num processo interminável e desacralizado. É visível que o homem incorpora a máquina ou é por ela incorporado. O sujeito, tal como o conhecíamos, não existe mais ou está em vias de desaparecimento.

- “Matrix” (1999) - o primeiro de uma série de, pelo menos até agora, três filmes.

Num futuro indeterminado, o filme narra as vicissitudes de Thomas Anderson, um programador de computadores. Anderson trabalha numa firma de software. Ele é um cidadão que todo governo adora. Paga seus impostos em dia, é muito disciplinado. Só tem um defeito: sempre chega atrasado ao trabalho. Como um bom *hacker*, ele passa noite após noite procurando uma resposta para uma pergunta cuja natureza e razão ele mesmo desconhece: “*What is the matrix?*” Que é a matrix?. Erick Felinto assim resume o conteúdo (?) do filme:

“... a hipótese investigativa mais interessante é que os criadores de Matrix não sejam plenamente cientes das implicações dessa convergência. As imagens, as referências e as citações engendram em seu filme uma matriz que é ao mesmo tempo religiosa, tecnológica e nietzschiana... Matrix pode, de fato, ser lido como uma síntese conflitiva de certos elementos estruturais da cultura ‘pós-

moderna’ (se é que realmente existe tal coisa): a ascensão de formas de religiosidade não tradicionais, o culto da tecnologia, o domínio de filosofias e visões de mundo relativistas. A encenação combinada desses elementos, para funcionar adequadamente, necessita de determinado grau de inconsciência. Matrix é, assim, um sonho; melhor: um pesadelo no qual toda uma civilização se vê imersa, adormecida, inconsciente, e do qual por vezes tenta desesperadamente acordar.” (FELINTO, Erick. A religião das máquinas: ensaios sobre o imaginário da cibercultura. p. 13.)

Em resumo, podemos dizer que o filme “Matrix” sintetiza muito bem o mundo em que vivemos – um mundo em que a realidade e a fantasia perderam os limites que lhes eram, até bem pouco tempo, claramente definidos.

➤ **As notícias de jornal**

- “Mundo virtual atrai milhões à internet”

“Logo no início de sua jornada, Iori Yagami coloca a conversa em dia com seus companheiros e procura resolver o maior número possível de problemas – algo natural quando se é líder de uma equipe. Depois, checa o mercado e tenta obter boas ofertas no comércio. Ao final do dia, descansa.

Essa poderia muito bem ser a descrição de um dia comum na vida de um profissional do ramo de finanças, por exemplo. Mas, na verdade, Iori é o ‘eu virtual’ do jornalista Eric Araki, 24 anos, um dos mais de 500 mil brasileiros que já passaram por Rune-Midgard, mundo mitológico onde é ambientado o jogo Ragnarök Online, um MMORPG (Fusão de game maciçamente multijogador, o MMOG, com jogo de interpretação de papéis, o RPG) de origem coreana e cujo lançamento no Brasil, em fevereiro deste ano, envolveu US\$ 3 milhões.”(AZEVEDO, Théo. Mundo virtual atrai milhões à internet. In: FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 24 de Ago.2005. Caderno de Informática”.

Fica bem claro o desejo de viver uma vida paralela. Estar em dois lugares ao mesmo

tempo. A realidade fragmenta-se. A fantasia de ir além de si mesmo torna esse desejo, até certo ponto, palpável.

- “Passageiros viram (o seu próprio) drama pela TV”

“Tudo começou como um rumor durante a tarde. ‘Ouvuiu falar do avião?’, perguntavam.

Em menos de uma hora, quase todos ouviram – e assim começou quiçá o maior evento de mídia que Los Angeles viu desde a perseguição a O. J. Simpson, mais de 11 anos atrás.

Um avião da companhia Jet Blue se deu conta de que não podia recolher o trem de pouso. A aeronave sobrevoou Los Angeles por três horas, sempre monitorada pela imprensa.

Numa nação atacada de ansiedade por guerra do Iraque, ameaça de ataques estrangeiros e poder destrutivo da natureza, ali havia um drama em escala íntima o bastante para ser entendida e envolvente a todos.

O avião explodiria ao tocar o solo? O piloto manteria a calma? Os passageiros não apenas pensavam nisso: eles acompanhavam o que se passava pelos televisores do avião, sintonizados num canal de notícias em que especialistas discutiam animadamente cenários possíveis como ferimentos, mutilação e morte.

‘Foi arrepiante assistir a nós’: disse mais tarde o passageiro Matthew Ash ao ‘Los Angeles Times’. ‘Inimaginável. Ouvimos pessoas especulando sobre isso e aquilo. Foi estranho.’ Diversos passageiros foram tomados de um senso de humor negro e não paravam de rir.

A televisão não quis dizer, pois estragaria o drama, mas pousar um avião nesse estado é relativamente simples. Mesmo descer sem roda nenhuma é algo a que se pode sobreviver, pilotos disseram mais tarde.

Todos os olhos dirigiam-se ao vôo 292 quando o piloto Scott Burke fez a descida. Os

passageiros foram mandados para o fundo do avião, por razões de distribuição de peso e para maximizar sua segurança. A televisão que os distraía foi desligada. A tripulação pediu enfim que todos ficassem na posição que praticaram.

O avião tocou o chão primeiro com as rodas traseiras e conseguiu um pouquinho perfeito. Os passageiros o saudaram com abraços. No ar, o piloto estava tão calmo que se preocupava mais com a mídia do que com cometer um erro fatal. ‘Quero que os lobos da mídia fiquem longe de mim’, disse à torre de controle.”(GUMBEL, Andrew. *Passageiros viram drama pela TV: Avião que fez pouso de emergência exibiu notícias durante o voo*. (FOLHA DE S. PAULO, São Paulo, 23 set. 2005. Folha Mundo).

Nesse angustiante episódio do cotidiano, o fundamental é enfocar um fenômeno inimaginável em outros tempos a não ser, talvez, pelas vivências religiosas: uma espécie de compressão da realidade em que *o aqui e agora* – o presente funde-se com o futuro e com o passado: **eu me vejo sendo, na iminência de não ser**. Como a arte, em muitas situações, antecipa a vida, lembro-me, como numa espécie de contraponto (?), de uma novela de Gabriel Garcia Márquez – *Crônica de uma morte anunciada*,¹² em que todos, sabem que vai ocorrer uma morte – do protagonista –, menos ele próprio, que tudo ignora até o último momento...

VI

Finalizando – ainda sem realmente concluir –, penso que tanto o *lógos* quanto o *místico* e o *religioso* – o mítico – são tentativas *concomitantes* do homem – um ser incompleto – achar uma saída, o que lhe será sempre (im)possível. Por outro lado, *ciência, racionalidade, tecnologia e mito* não guardam tanta distância entre si, quanto pode parecer à primeira vista¹³. Dessa forma, não haveria, propriamente, um conflito entre *lógos* e *mito*. Esclarecem Adorno e

12. GARCÍA MARQUEZ, Gabriel. *Crônica de uma morte anunciada*. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 1981. 177 p.

13. FELINTO, Erick. *A religião das máquinas: ensaios sobre o imaginário da cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

Horkheimer: “Do mesmo modo que os mitos já levam a cabo o esclarecimento, assim também o esclarecimento fica cada vez mais enredado, a cada passo que dá, na mitologia. Todo conteúdo, ele o recebe dos mitos, para destruí-los, e ao julgá-los, ele cai na órbita do mito.”

(ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. p.26). Sendo assim, diante de tudo que foi dito, só uma contínua *visão crítica do mundo*, leva o homem a ultrapassar os impasses que ele sempre se impõe – ou é levado a se impor, a cada passo – a si mesmo, num processo ilusoriamente (in)terminável...

É, pois, inquestionável, em face do que foi dito, a comprovação do desejo irrestrito, próprio da condição humana, devido à precariedade desta, de *imortalidade e transcendência*. Em alguns momentos, apela-se para um *deus ex-machina*¹⁴ – Prometeu cede lugar a Fausto. Pela aliança de Dioniso com Apolo, corremos o risco, como já aconteceu em alguns momentos da nossa história, de voltar a tempos ainda mais sombrios?

Para terminar, como começamos, de uma forma insólita, uma última paródia: *Haveria alguém que, realmente, estaria vivo hoje?*¹⁵ Mais duas citações: uma em que acrescento uma *preocupação com futuro* – “*Que resta(rá)*”¹⁶? – outra com que, juntamente com Freud, convido todos a se resignarem: “*Tolerar a vida continua a ser, afinal de contas, o primeiro dever de todos os seres vivos. A ilusão perderá todo o seu valor, se tornar isso mais difícil para nós.*”¹⁷

E uma derradeira advertência, que jamais deve ser esquecida: *Quod me nutrit me obstruit...*¹⁸

14. Expressão latina que se pode traduzir como “o deus que vem da máquina”. In: MABLEY, Edward. HOWARD, David. *Estudos sobre narrativa, plausibilidade e a suspensão*. <<http://www.cinemanet.com.br/suspensaodadescrena.asp>>

15. Trata-se de uma alusão a uma passagem do livro de ZIZEK, já citado neste trabalho, em que se referindo-se a vida cotidiana dos indivíduos pós-modernos, o autor diz o seguinte: “*Na medida em que*” morte “*e*” vida “*designam para São Paulo duas posições existenciais (subjetivas) e não fatos*” objetivos “*é justificável que se faça a pergunta paulina: Quem está realmente vivo hoje?*”

16. SARTRE, Jean-Paul. *As palavras*. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1964. p 158.

17. FREUD, Sigmund. *Reflexões para os tempos de guerra e morte*. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. p.339.

18. Expressão latina que quer dizer: “O que me nutre me destrói.”.

Referência Bibliográficas:

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. 254 p.

AZEVEDO, Théo. Mundo virtual atrai milhões à internet. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 ago., 2005, p.15. Caderno de Informática.

BERGAMO, Giuliana. No limite da obsessão. Ver. *Veja*, São Paulo, n.40, 5 out. 2005, p.102.

BLOOM, Harold. *Onde encontrar a sabedoria?*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. 320p.

BROWM, Peter Robert Lamont. *Santo Agostinho: uma biografia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FELINTO, Erick. *A religião das máquinas: ensaios sobre o imaginário da cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu (1913). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v.XIII, p. 21-192. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

FREUD, Sigmund. Reflexões para os tempos de guerra e morte (1915). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v.XIV, p. 309-339. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão (1927). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XXI, p. 15-71. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

GARCIA, Márquez, Gabriel. *Crônica de uma morte anunciada*. 10 e. Rio de Janeiro: Record, 1981.

GOLDENBERG, Ricardo. *Círculo Cínico*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. (coleção conexões).

GUMBEL, Andrew. Passageiros viram drama pela TV. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 set., 2005, p. 20.

KOHUT, Heinz. *Psicologia do self e a cultura humana*. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988. 256 p.

LAPLANCHE, J., PONTALIS, J.B. *Vocabulário da psicanálise*. Santos (SP): Martins Fontes, 1970. 705 p.

MABLEY, Edward; HOWARD, David. Estudos sobre narrativa, plausibilidade e a suspensão. http://www.cinemanet.com.br/suspensas_da_descrenea.asp – acesso em 27 set de 2005.

MELVILLE, Herman. *Bartleby o escrivão: uma história de Wall Street*. Tradução: Luís de Lima. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. 100p.

MIJOLLA, Alain de. *Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*. Belo Horizonte: Imago, 2005.

MORA, J. Ferrater. *Dicionário de filosofia*. Belo Horizonte: Martins Fontes, 1998.

NEVES, João Francisco. Psicanálise: do futuro de uma (des) ilusão... à (des)ilusão de um futuro – Nota prévia. In: *Griphos – psicanálise*, n. 14, ago. 1996, p. 75-77. Belo Horizonte: Santa Edwiges, 1996.

SARTRE, Jean-Paul. *As palavras*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.

VANDRÉ, Geraldo. <http://mpbnet.com.br/musicos/geraldo.vandre/letras/pranao dizer quenao falei das flores>. Acessada em 27 set. 2005.

ZIZEK, Slavoj. *Bem-vindo ao deserto do real!: cinco ensaios sobre o 11 de Setembro e datas relacionadas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003. 191p.